

PRECISAMOS FALAR SOBRE...

Educação Inclusiva

Aspectos Psicológicos em Situação
de Isolamento Social - Fascículo II

SECRETARIA
DE EDUCAÇÃO
Guarulhos/SP

Departamento de Orientações
Educativas e Pedagógicas - DOEP

Volume 7 de 25





PRECISAMOS FALAR SOBRE...

Educação Inclusiva

Aspectos Psicológicos em Situação
de Isolamento Social - Fascículo II

Educadores da Rede Municipal de Guarulhos

A formação permanente, em face das constantes mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, sobretudo com o avanço tecnológico que nos impulsiona a uma formação humana alinhada às necessidades do século XXI, notadamente, constitui um dos elementos centrais para o enfrentamento dos desafios que surgem.

Nos últimos tempos, sobretudo ante as problemáticas agravadas e impostas pela pandemia de Covid-19, tem sido inegável a função social da escola pública, não somente em assegurar conhecimentos considerados relevantes para a formação dos educandos, mas como lugar de aprendizagem dos sujeitos em sua integralidade, considerando as diversas dimensões do desenvolvimento humano, por meio de um processo educativo que viabilize o uso de diferentes espaços da escola e do território em que se encontra, e que também valorize as interações sociais estabelecidas, em busca da formação de cidadãos críticos e autônomos, capazes de fazerem uso dos conhecimentos aprendidos para o bem comum e para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Isso só é possível quando os profissionais da educação, trabalhando em conjunto, promovem ações que favoreçam o exercício de uma escuta ativa e a abertura de espaços de atuação participativa, que garantam aos educandos “vez e voz”, para que possam assumir seu papel de protagonistas no processo educativo.

As publicações que compõem esta coletânea são o resultado da sistematização da formação permanente realizada pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA Currículo, no ano de 2020, que compôs a jornada de trabalho dos servidores da Educação durante as medidas de combate e prevenção ao SARS-CoV-2, tais como o distanciamento físico das escolas e equipamentos de educação e o isolamento social, a fim de se manter o compromisso com a valorização profissional.

Assim, desejamos que essas publicações sejam parte da história coletiva da Rede Municipal, cujo sucesso se vê, de fato, no chão da escola, objetivo maior do nosso trabalho.

Boa leitura e reflexões!

Alex Viterale

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Carta aos educadores(as) - Resiliência Humana em Tempos de Crise.....	11
Isolamento e Privação.....	17
Lutos e Perdas.....	21
A importância do Lúdico e do Brincar no Convívio Social.....	25
Abordagem Psicoeducacional no âmbito da Violência Intrafamiliar, em tempos de Isolamento Social.....	31
Referências.....	33

INTRODUÇÃO

Prezados (as) educadoras (es), apresentamos o segundo número de nosso documento denominado Fascículo. Esta série de publicações tem a pretensão de fomentar mais um canal de diálogo, informação e pesquisa disponibilizado aos profissionais da Rede Municipal de Educação de nossa cidade.

Sabemos o quanto tem sido difícil nossa luta frente às mudanças provocadas pela atual pandemia, as angústias e sentimentos de incerteza que a acompanham, mas também temos a certeza da capacidade de superação e transformação da realidade inerente ao trabalho de toda equipe escolar, que neste momento mesmo distanciado dos educandos(as) têm participado ativamente das ações pedagógicas implementadas pela Secretaria de Educação de Guarulhos.

Neste segundo número apresentamos a temática “Aspectos Psicológicos em Situação de Isolamento Social” com a qual pretendemos abordar alguns assuntos que têm estado presentes em muitos debates em toda a sociedade contemporânea.

Com absoluta certeza o maior desejo de todos e todas é o de que essa “tempestade” passe logo e que possamos retomar a nossa caminhada de antes, muito embora saibamos que, provavelmente, muita coisa será diferente, como se tem acostumado a falar, “o novo normal”.

Esperamos que os textos aqui disponibilizados possam verdadeiramente contribuir para este processo de transição e de retomada das atividades do cotidiano pessoal e profissional, sem perder de vista, é claro, que ainda estamos navegando em “águas agitadas”, mas com esperança, coragem, alegria e desejo de mudança, conseguiremos voltar a navegar por águas mais tranquilas.

Lembremos do que sempre nos ensina nosso mestre Paulo Freire:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir!

Boa leitura a todos e todas!!!

CARTA AOS EDUCADORES(AS)

RESILIÊNCIA HUMANA EM TEMPOS DE CRISE

(...) para alguém que é tipicamente saudável uma doença pode, ao contrário, até ser uma estimulação energética à vida, a viver mais. É assim que vejo agora aquele longo tempo de enfermidade: é como se eu tivesse redescoberto a vida de novo, incluindo-me dentro dela.

(Friedrich Nietzsche, em 'Ecce Homo')

Este pensamento do filósofo Nietzsche nos provoca a refletir que o momento que estamos vivendo pode ser algo mobilizador de valores e atitudes que antes estavam adormecidas e/ou esquecidas por conta da normalidade social cristalizada pela rotina. Muitos pensadores e estudiosos do comportamento humano já nos instigaram com a lógica de que é a partir da falta que a mobilização para o novo e para a mudança ocorrem.

Sem dúvida nenhuma a sociedade contemporânea está sendo levada a enfrentar um de seus maiores desafios, não só do ponto de vista do cuidado com a saúde física da humanidade, mas, principalmente com as futuras escolhas que nos definirão enquanto sujeitos sociais. Teremos necessariamente que repensar nossa maneira de estar no mundo, social, político, econômico, etc..., mas compreendendo, sem nenhuma sombra de dúvida, que o maior obstáculo ou aliado será a forma como nos relacionaremos conosco daqui pra frente, num mundo pós pandemia.

No livro "Símbolos da transformação" Carl Jung utiliza o mito da ave Fênix (aquela que renasce das cinzas) como uma simbologia da capacidade do renascimento a partir das adversidades do viver.

A emblemática ave do fogo, pássaro da mitologia grega que, quando morria, entrava em autocombustão e, passado algum tempo, ressurgia das próprias cinzas, simboliza o poder de resiliência, essa capacidade inigualável de nos renovar em seres muito mais fortes, corajosos e luminosos, presente em todos nós.

É um mito presente em muitas doutrinas, culturas e raízes lendárias de nossos países e é em essência, um dos mais poderosos arquétipos descobertos por Jung, porque em seu fogo estava contida tanto a criação quanto a destruição, ou seja, a vida e a morte.

O presente momento está repleto muito mais de incertezas do que de certezas sobre os rumos da humanidade. Enquanto a comunidade científica acelera a busca

de uma solução para neutralizar a ação do Coronavírus – COVID - 19, o trabalho incessante dos profissionais de saúde cuida da proteção à população e, mesmo diante de tantas limitações impostas, a vida precisa prosseguir. Impregnados desta premissa, também muitos de nossos profissionais da Rede não têm medido esforços para amenizar os danos causados pela interrupção da vida escolar e oferecer sua contribuição pedagógica.

É neste espaço entre a possível solução que está a caminho e a continuidade do viver que nossa capacidade de se reinventar enquanto sujeito e principalmente enquanto sociedade precisa estar presente.

De todos aqueles e aquelas que estão diante destas inesperadas mudanças que atingem o planeta, podemos sem sombra de dúvida destacar especial atenção aos educandos e educadores. O temporário fechamento das escolas e o necessário distanciamento físico imposto pela pandemia têm afetado de maneira significativa, professores, pais, crianças, jovens e adultos, que se veem diante de um enorme desafio na medida em que há uma significativa ausência do espaço escolar, “...lugar privilegiado de interações e aprendizagens” cujo papel de “...estabelecer o diálogo entre os saberes historicamente construídos e os saberes do cotidiano de forma intencional, a fim de potencializar as experiências e vivências dos sujeitos” QSN pg.16.

As perdas provocadas por esse processo deixam uma significativa ausência na vida e no processo educativo, que mesmo momentânea, nos convoca a repensar formas de ressignificar nossa atuação e poder contribuir para, ao menos, amenizar estes impactos.

Sabemos, entretanto, que tudo o que está ocorrendo não afeta apenas as pessoas em seu aspecto profissional, mas fundamentalmente no emocional, pois ao terem que lidar com inúmeras incertezas surgem a angústia, sentimentos de solidão e indefinições quanto ao futuro, que podem agravar doenças mentais pré-existentes e criar novos problemas a pessoas, até então, saudáveis.

Mas, é importante saber que o ser humano herdou de seus ancestrais uma habilidade para lutar pela sua sobrevivência e que pode fazer toda diferença no presente momento, a resiliência. E o que é essa tal de resiliência?

Resiliência – do latim *resilire* (recuar ou dar um passo atrás) – é um conceito geral relativo à adaptação positiva em um contexto de mudança. Nos campos da física e da engenharia, a resiliência refere-se normalmente à capacidade de um corpo suportar estresse ou tensão sem se romper, ou à capacidade de recobrar sua forma original, como no caso de uma mola ou de um elástico.

No contexto das Ciências Sociais, existem outras definições de resiliência:

A resiliência é uma habilidade para ressurgir diante das adversidades, adaptar-se, recuperar-se e aceder a uma vida significativa e produtiva (Kotliarenko, Fontecilla & Cáceres, 1997, p.5). ou resiliência é o enfrentamento efetivo de circunstâncias e eventos de vida severamente estressantes e acumulativos (Kotliarenko et al., 1997, p.5).

No aspecto do desenvolvimento humano, a resiliência tem um significado amplo e diversificado, o que inclui a recuperação do indivíduo após experiências traumáticas, a superação de desvantagens para alcançar o sucesso e a resistência a situações estressoras para cumprir tarefas cotidianas. Resumindo, diz respeito a padrões positivos de adaptação ou de desenvolvimento manifestados no contexto de experiências adversas.

Está aí a Fênix expressada por Jung, onde o adverso pode ser um disparador de uma mudança necessária. Assim, aprender algo novo, reorientar rumos, dar vazão a criatividade, podem ajudar a transformar este momento de isolamento num tempo de o pós-pandemia e auxiliar a tão desejada retomada de nosso dia-a-dia.

Para muitas pessoas, o momento vivido tem possibilitado fazer planos, repensar rumos e buscar soluções criativas para aquelas questões que vinham sendo arrastadas no piloto automático do dia a dia. Neste sentido, este período de reclusão tem servido para avaliar aspectos da vida, estabelecendo novas metas para quando tudo isso acabar.

Atitude benéfica, segundo especialistas, desde que não seja um motivo de pressão adicional, ou seja, não cobrar-se demais ou exigir de si-próprio ideais de superação, como se tudo que está acontecendo não fosse motivo para nos abalar, a ideia não é negar a realidade, mas a partir dela redirecionar nossa caminhada.

Claro que todas estas mudanças não são simples, a ansiedade costuma ser um dos sintomas mais comuns durante o isolamento e da possibilidade de retomada, já que somos induzidos a mudar nossas rotinas de vida, seja em âmbito pessoal ou profissional.

Durante este período, ouvimos muitos especialistas em comportamento humano dando sugestões individuais (cada qual dentro da sua realidade e das suas possibilidades) no sentido de garantir a preservação de nossa saúde mental.

Muito embora as informações que circulam atualmente têm apontado para uma desaceleração desta pandemia e indicado uma perspectiva de retomada gradual da vida cotidiana, não podemos desconsiderar alguns princípios essenciais para lidarmos com esta nova realidade:

- Cuidar de si e dos outros com principal atenção às novas regras de convivência social;
- Escolher atividades de lazer de forma responsável;
- Continuar seguindo as recomendações de instituições de saúde confiáveis;
- Prestar atenção às suas próprias necessidades, sentimentos e pensamentos, buscando cuidar de sua saúde física e mental;
- Ser crítico e utilizar do bom senso frente a exposição às notícias relacionadas a pandemia, evitando comportamentos de risco e geradores de vulnerabilidades;
- Manter uma atitude de solidariedade e cooperação frente às pessoas dos grupos de risco e mais vulneráveis;
- Promover espaços de diálogo com as crianças incentivando que falem sobre como vivem, sentem e pensam o atual contexto;
- Auxiliar e estimular as crianças a falarem sobre seus sentimentos.

Viktor Frankl, neuropsiquiatra austríaco criador da Logoterapia e autor da obra “Em Busca de Sentido”, na qual narra sua experiência como prisioneiro nos campos de concentração nazista da segunda grande guerra, apresenta sua visão da capacidade de transformação a partir do sentido que damos aos acontecimentos e à realidade que nos cerca, ele diz que:

“Todo ser humano tem a vontade de buscar um sentido para a vida, e esta vontade é precisamente a principal força motivadora da pessoa. No momento em que a pessoa se pergunta sobre o sentido da vida, expressa o que há de mais humano em si” (Frankl, 1946/1989).

Não significa que precisamos realizar grandes e profundos processos reflexivos, mas a busca do sentido como algo simples e que nos aproxima do humano que somos, pois segundo Frankl: “Explicita o fato de que o sentido diz respeito àquilo que a pessoa é chamada a realizar em um determinado momento. O sentido a ser realizado no momento é transitório, ou seja, precisa ser cumprido naquele instante”.

Além disso, segundo Frankl “a pessoa conhece a si mesma na medida em que vai cumprindo suas tarefas cotidianas e que vive o que tem sentido em cada situação”.

Em muitas situações, “a vida ter sentido” significa “ter tarefas a cumprir” o importante é que este sentido seja encontrado, descoberto e não inventado.

E como nos aponta Edgar Morin “[...] esboçam-se as duas grandes finalidades ético-políticas do novo milênio: estabelecer uma relação de controle mútuo entre a sociedade e os indivíduos por meio da democracia; fazer da humanidade uma comunidade planetária” (p. 157).

Quem sabe talvez, todo este processo para além do desconforto, medo, incerteza e outros sentimentos incômodos, nos provoque também a atitude de transformar a forma como vivemos, nos tornando mais fortes na solidariedade e na compreensão que esta viagem na casa Terra deve ser feita num coletivo solidário. Pois com toda certeza precisamos urgentemente mudar nossa forma de estar na casa maior, nosso planeta, de maneira mais solidária, mais justa e mais humana.

ISOLAMENTO E PRIVAÇÃO

A pandemia de Covid-19 trouxe uma série de impactos sobre o cotidiano das pessoas. As atividades que envolvem proximidade física tiveram de ser cessadas, refletindo assim nos relacionamentos. Desta maneira, visando minimizar o impacto criado pelo isolamento social, o uso dos meios de comunicação, como o celular, a TV e o computador, foram intensificados.

A mídia trouxe informações de saúde, de economia e debates sobre temas sociais e políticos em diferentes esferas (desde a mundial até a local) usando novas linguagens para apresentar dados estatísticos, sobre a mobilidade de pessoas, sobre a relação das atitudes individuais inadequadas e perdas ao coletivo. Nessa quebra de rotina muitos estão trabalhando em suas casas, o chamado teletrabalho, tal como ocorre agora entre nós educadores de Guarulhos e outros municípios.

Esta nova forma de trabalho está acontecendo devido ao fechamento das escolas, que reflete uma enorme preocupação para os gestores de políticas públicas, famílias, crianças, jovens e adultos nessa quebra de rotina escolar. Essa tarefa tem criado demandas e articulações no âmbito pedagógico, estabelecendo ao mesmo tempo novas oportunidades formativas para nós educadores.

O início da quarentena foi em 24 de março de 2020, desde então, já passamos por várias fases que foram divididas por cores, essa estratégia permitiu uma melhora gradual de indicadores de controle da pandemia e da capacidade hospitalar.

As pessoas que ficaram emocionalmente mais fragilizadas, tendem a lidar melhor com a situação, já que também o distanciamento físico e a privação estão mais flexíveis na maior parte das cidades, estados do Brasil e do mundo.

Neste momento o que mais desejamos é sair desse cenário, o que pode nos colocar numa armadilha, uma ilusão sobre a realidade, como se tudo estivesse superado. A perspectiva de uma retomada não pode significar uma negação de que ainda vivemos uma condição de pandemia e como tal estarmos permanentemente atentos aos protocolos sugeridos pela OMS como garantia da proteção de todos (utilização de máscaras em lugares públicos, conforme a orientação da autoridade sanitária, respeitar o distanciamento social de 1,5m, higiene das mãos com água e sabão e quando não for possível utilizar álcool gel 70°, aferição da temperatura na entrada das lojas, dentre outros).

O distanciamento físico e a perspectiva de uma retomada, não devem ser vistos apenas como causa de sofrimento emocional, o desafio pelo qual estamos passando já há alguns meses nos proporcionou para além das angústias, também um importante aprendizado, uma valorização de diferentes formas de comunicação com as pessoas. Compreendemos que para manter o bem estar e a harmonia do corpo e da mente devemos dar continuidade e atenção à nossa condição humana de nos reinventarmos.

Neste período vivenciado, fomos convidados a buscar formas alternativas de distração, fomos testados a desconstruir o “não gosto disso”, atividades tais como: dançar, pular corda, cantar, contar histórias, pintar, alongar, etc... Descobrimos também possibilidades como: leituras, cursos online, atividades manuais, visita virtual a museus, atualizar listas de filmes, entre outras que foram importantes para a manutenção da saúde física e mental e continuarão sendo atividades significativas que propiciam novas experiências e contribuirão muito com esta fase que se apresenta.

As famílias são compostas de membros de diferentes idades, mas devemos especial atenção às crianças, que têm no brincar sua principal atividade promotora do desenvolvimento. É no brincar que elas integram vivências externas às internas, real e imaginário, na formação das funções psicológicas superiores. Tem ainda as artes, música, desenho livre, onde descobrem as diferentes formas de expressão dos sentimentos.

Temos então algo precioso, o famoso tempo compartilhado, que antes era engolido pelos compromissos. Porém temos momentos difíceis, em que a situação está fora do nosso controle, é normal que o pessimismo e o medo tomem conta dos nossos pensamentos, por isso o ideal é ponderar o excesso de notícias negativas, o momento é oportuno para refletirmos sobre o que almejamos e como temos construído nossas vidas, buscar dialogar, estreitar e construir vínculos, buscar acolhimento, bem como acolher.

Existem os apoios dos profissionais da psicologia online e telemedicina, e os acompanhamentos e tratamentos devem ter continuidade. Observar a partir do que perdermos aquilo que para nós é de fato importante, para além dos excessos de consumo, precisamos fortalecer os laços afetivos, ter atitudes solidárias, empatia, cooperação, tolerância como alimento para nossa resiliência.

Novas redes se formaram, com diferentes trocas de saberes entre as pessoas de vários lugares do país. Parcerias entre organizações públicas, privadas e do terceiro

setor buscam juntas amenizar os impactos causados, bem como as pesquisas científicas mostram novos produtos, inclusive testes promissores de vacinas.

Diante desse contexto, a Secretaria de Educação e as educadoras e educadores da nossa Rede têm buscado realizar ações que contribuam com a aprendizagem e desenvolvimento de nossos educandos na busca pela manutenção do vínculo com eles e com seus familiares, considerando suas vulnerabilidades. Dentre as propostas realizadas, destacamos: o Programa Saberes em Casa, veiculado diariamente com o objetivo favorecer o processo educativo e contribuir para as aprendizagens e desenvolvimento até que o retorno presencial às escolas seja possível; o Portal SE Informe Saberes em Casa, nele está disponibilizado aos educadores, aos educandos e às famílias o acesso a diferentes recursos pedagógicos como jogos, livros digitais e links de canais do Youtube, que complementam as discussões propostas pelo programa da TV; as ações formativas, a fim de viabilizar a apropriação para garantia da implementação da Proposta Curricular – Quadro de Saberes Necessários (QSN) / 2019 em todas as escolas da Rede de Ensino de Guarulhos, potencializando os processos de reflexão e de construção das ações pedagógicas pelas equipes escolares; foram ainda disponibilizados grupos de WhatsApp, intensificando as parcerias entre estagiários, professores do AEE, professores da EE e famílias.

Ressaltamos ainda, que estamos cumprindo todas as orientações e todos os protocolos de segurança determinados por parte do governo, além disso, o retorno às aulas presenciais foi pauta de consulta pública em que os munícipes guarulhenses puderam participar de parte das decisões tomadas, consolidando assim o exercício da cidadania.

*“Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante”
(Paulo Freire).*

LUTOS E PERDAS

“O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante”.

Sigmund Freud em Luto e Melancolia (1917 -1915). Obras Completas.

Em tempos de distanciamento físico nos deparamos com uma série de acontecimentos que marcam esse momento de uma maneira diferente, nunca experimentados.

A mudança da rotina para todos os trabalhadores, tanto para os profissionais que continuam nos seus locais de trabalho, quanto para aqueles que estão realizando teletrabalho; o afastamento das pessoas da família, o reforço a um hábito básico de higiene considerando todos os protocolos definidos pela OMS, o medo de contrairmos o vírus ou de que alguém que amamos o contraia, despertam em nós insegurança e desamparo. Vivenciamos então, sentimentos de medo, angústia, raiva, saudades da vida que tínhamos, e todos esses sentimentos são lutos.

É muito comum as pessoas associarem a palavra luto à tristeza causada pela perda de um ente querido, entretanto, há várias formas de luto, como diz Freud em seu texto “Luto e Melancolia”.

O luto é experimentado em situações de perda: por um emprego, término de um relacionamento, mudança de situações, por exemplo a aposentadoria. Há ainda o luto por mudanças no corpo, causadas por doenças ou acidente, ou ainda o luto antecipatório quando existem incertezas quanto ao futuro e a pessoa imagina que o pior ocorrerá.

No âmbito escolar é comum nos depararmos com o luto dos pais em função do diagnóstico de deficiência do filho, que precisam elaborar este luto pela perda do filho imaginado para poder viver as questões de serem pais de uma criança com deficiência. Quando o educador tem a compreensão deste processo, pode então auxiliar os pais em relação à aceitação e ressignificação desta experiência.

O luto em si não é uma condição patológica, mas um tempo que precisa ser vivido para ser elaborado.

A autora Elisabeth Kübler-Ross, psiquiatra suíço-americana que se dedicou ao estudo do luto descreve em seu livro “Sobre a morte e o morrer” as cinco fases do luto: **Negação, Raiva, Barganha, Depressão e Aceitação.**

Com base neste estudo, podemos descrever as fases do luto da seguinte forma:

Negação: É uma defesa psíquica, na qual o indivíduo nega a situação tentando encontrar uma maneira de não entrar em contato com a realidade da perda, por vezes diz que está tudo bem ou que não quer falar sobre o assunto.

Raiva: Fase de revolta, havendo sentimentos de inconformismo, ressentimentos e hostilidades. Muitos se revoltam com os desígnios de Deus e sentem-se injustiçados.

Barganha: Nesta fase o indivíduo começa a negociar, é uma fase caracterizada por pensamentos sobre fazer algo para reverter a situação, pela busca de alívio para a dor que sentem, alguns, por exemplo, fazem preces pedindo para sonharem com a pessoa que se foi, outros buscam algum tipo de comunicação do Além. No caso de pessoas que receberam um diagnóstico ruim, buscam, nesta fase, por uma mudança de comportamento, de estilo de vida, fazem promessas, na esperança de que ocorra alguma salvação, algum milagre.

Depressão: Fase de isolamento, de melancolia. Há um sentimento de impotência diante da situação e uma percepção maior de que não tem mais volta.

Aceitação: Nesta fase o indivíduo não tem mais desespero e vê a realidade como ela é sentindo-se mais fortalecido para aceitar a perda.

É importante salientar que estas fases não são vivenciadas de modo linear, elas são dinâmicas e podem alternar-se e repetirem-se várias vezes. Apesar das reações variarem de pessoa para pessoa, não é possível evitar o processo de luto.

David Kessler, autor americano especialista em luto, acrescentou um sexto estágio ao luto: “**Significado**”, no qual a pessoa busca um sentido, um aprendizado em relação à perda.

Na matéria, realizada por Scott Berinato, “O desconforto que você está sentindo é luto” da Harvard Business Review, David Kessler relaciona as fases do luto ao momento atual de isolamento social.

Desta forma, é possível estarmos passando ou que tenhamos passado por fases como:

Negação: na qual acreditamos que nossa rotina não será alterada, que esse vírus não é tão letal;

Raiva: existindo predominância de sentimento de revolta, inconformismo, por termos nossos planos interrompidos, projetos adiados;

Barganha: onde buscamos uma negociação e acreditamos que se seguirmos as orientações sanitárias em relação à pandemia, rapidamente tudo ficará bem;

Depressão: na qual existe a consciência da proporção desta pandemia e podemos ser tomados por sentimento de tristeza, medos e a sensação de que não haverá solução;

Aceitação: onde aceitamos o que está acontecendo e buscamos maneiras de como lidar com isso, como manter as medidas de higiene, o uso de máscara de proteção, o distanciamento físico, mas buscando se conectar através da tecnologia, aprendendo também a trabalhar virtualmente.

Já em relação ao sexto estágio, “Significado”, é comum haver o questionamento sobre o motivo de estarmos passando por isso e buscarmos um significado, um aprendizado ao passarmos por este processo.

Outro aspecto a considerar nesse contexto atual é a quantidade de informações que ficamos expostos sobre a pandemia, com o número crescente de contaminados e mortos; as preocupações com as consequências econômicas, sociais e políticas relativas a esse novo cenário e a própria dinâmica familiar alterada pela condição de quarentena, que podem gerar estresse e ansiedade aumentando ainda mais o desconforto emocional.

Nesse momento no qual o mundo todo vive de maneira intensa o luto em todos os seus aspectos, acreditamos ser de extrema importância que o educador tenha o conhecimento da amplitude do conceito do luto e de suas manifestações, visto que a qualquer momento ele pode se deparar com essas questões.

Pensando no retorno às aulas presenciais, a escola deverá receber a todos da equipe escolar e os educandos (com todas as medidas protetivas já em uso), sendo importante considerar que cada um traz consigo uma história, com anseios,

angústias, incertezas, saudades e perdas. Neste momento único, em que estamos diante de uma realidade na qual a retomada do ambiente presencial implica não somente em voltar a rever amigos, mas também em ter contato com relatos das perdas, não podemos perder de vista que todos os profissionais da escola também fazem parte desse processo, ou seja é essencial cuidar de quem cuida, é importante que a escola considere essas questões, em seu planejamento. Nesta retomada, o educador deverá proporcionar atividades lúdicas como roda de conversas, expressões artísticas, jogos e brincadeiras, filmes e histórias que possibilitem ao educando trazer a sua vivência; que explorem a temática relacionada às perdas e que facilitem a expressão dos sentimentos e emoções com especial atenção aos aspectos das relações.

Considerando que o luto está relacionado ao investimento afetivo que a pessoa tem em relação ao que foi perdido e que, quanto maior o vínculo maior é a intensidade desse sentimento, e ainda que, o tempo do luto é um tempo que precisa ser vivido para poder ser elaborado, superado, é imprescindível que a pessoa tenha um espaço de fala onde possa ser ouvida, sentir-se amparada em sua dor e ter a possibilidade de falar sobre o que está sentindo, de expressar seus sentimentos, de chorar.

É importante oferecer um espaço de escuta, de acolhimento, no qual exista a possibilidade de compreensão das diversas fases do luto, dos sentimentos expressos, sejam eles de dor, revolta, negação entre tantos outros.

É necessário ter em mente que mais do que buscar algo a dizer é importante ouvir a pessoa, acolhê-la, buscando fazê-la sentir-se compreendida neste processo.

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO E DO BRINCAR NO CONVÍVIO SOCIAL

Compreender e valorizar a convivência grupal e familiar, a utilização da brincadeira e do lúdico como colaboradora na prática educativa de famílias, a importância do brincar no fortalecimento das relações familiares, bem como os tipos de brincadeiras possíveis no cotidiano escolar são importantes aspectos auxiliares de um possível processo de retomada de nosso cotidiano pós-pandemia.

A atual condição de distanciamento físico que temos vivenciado ao longo desses meses, um cenário nunca antes vivenciado, produziu consequências emocionais profundas na vida das famílias de uma maneira geral. Todas as tensões provocadas por este estado de permanente vigilância e a imprevisibilidade quanto ao futuro, afetaram profundamente nosso bem-estar e nossa saúde mental. No que diz respeito aos educandos, principalmente as crianças, muitas vezes estas consequências são ainda maiores.

Neste cenário, o grupo familiar se sentiu muitas vezes sozinho com a grande responsabilidade no processo de socialização da criança, muito embora todo esforço empreendido pelos profissionais de nossa Rede Educacional, pois é na sua interação com a escola que ocorrem importantes etapas da formação do indivíduo, é na relação dialógica com os pares que ela aprende e desenvolve repertórios internos que constituirão sua identidade e promoverão sua inserção mais ampla no convívio social.

Uma das muitas formas que o educador e a educadora têm para contribuir no enfrentamento desta condição é a qualificação da relação e do vínculo existente com os familiares do educando(a), a partir de uma escuta mais aprimorada e direcionada, com a intenção de pensar em conjunto com esta, atitudes e/ou movimentos possíveis de serem aplicados no contexto e no espaço de moradia e, futuramente, no processo de retomada do cotidiano pedagógico, considerando a realidade e os recursos que possuem dentro de uma condição absolutamente ímpar para todos nós.

Compreender, estimular e valorizar o protagonismo dos pais, avós e demais responsáveis na busca de alternativas para este novo cotidiano, na perspectiva de relações intrafamiliares mais saudáveis, contribuiu consideravelmente para o enfrentamento de condições adversas ao grupo e bastantes desafiadoras que todas e todos temos vivido.

É preciso considerar, é claro, que no caso das crianças e em particular aquelas com algum tipo de deficiência, o impacto em seu processo de desenvolvimento, principalmente pelas várias perdas advindas da situação, são muito significativos.

Ao levarmos em conta, que por estarem afastadas do convívio com seu outro importante lugar de referência (a escola), uma vez que se encontram distantes de colegas, professores e demais pessoas do cotidiano escolar, podem experimentar estas ausências com um incômodo sentimento de perda, assim precisam de recursos internos e externos que auxiliem na ressignificação da realidade e, dentro das possibilidades de cada sujeito, a compreensão do que ocorre.

É neste sentido que o trabalho do lúdico e do brincar podem ser importantes elementos provocativos da fantasia e da imaginação, tão elementares para um desenvolvimento mental saudável e um aliado ímpar no processo de acolhimento no retorno ao convívio educacional.

A concepção de infância em uma determinada sociedade aponta qual a importância que o lugar do brincar ocupa, pois o lugar da criança na sociedade nos dá a chave para a explicação do lugar que jogos e brincadeiras ocupam em seu desenvolvimento, por exemplo, a criança indígena brasileira quando brinca de arco e flecha está manipulando uma atividade própria dos adultos e que ela terá que aprender muito cedo para a sobrevivência de sua comunidade.

A natureza dos jogos infantis só pode ser compreendida pela correlação existente entre eles e a vida da criança na sociedade.

“É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade e criação. É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu”.

(D. W. Winnicott, O Brincar e a Realidade, 1971, pg. 88).

O brincar é fundamental para o desenvolvimento humano, mas ainda é pouco valorizado e considerado, principalmente nas sociedades da produção e do consumo e em muitos espaços escolares. Na escola, o lúdico e o brincar devem adquirir uma importância fundamental para o fortalecimento dos vínculos e da superação de dificuldades que muitas vezes a realidade apresenta, este contexto é um importante espaço para a vivência de experiências lúdicas, que influenciam diretamente a vida das crianças e adultos ao qual pertencem.

Ao considerar o brincar como nos apresenta Vygotsky que refere-se à brincadeira como “um modo de expressão e apropriação, pela criança, do mundo das

relações, das atividades e dos papéis dos adultos”, podemos compreender as repercussões significativas e duradouras que impactam o desenvolvimento emocional e social das pessoas que participam do lúdico, assim este deve ter especial atenção e destaque no fazer pedagógico.

É muito importante (e neste momento mais ainda), que a equipe escolar como um todo permita mergulhar-se um pouco mais no mundo dos jogos infantis, conhecer novas experiências lúdicas das crianças no âmbito do grupo familiar para, assim, favorecer o seu desenvolvimento nas diversas dimensões: cognitiva, afetiva, social, motor e moral, pois na impossibilidade da presença física na escola, esta prática, pôde favorecer o papel da família como agente facilitador do seu processo de interação com regras sociais e de convivência, promovendo uma relação mais estreita entre o mundo adulto e o infantil, dando assim um marco significativo para ambos e muito necessário para o desenvolvimento salutar de todos, não devendo ser diferente sua contribuição na retomada das atividades escolares.

Na sua origem a palavra “jogo” vem do latim: iocus, iocare e significa brincado, folguedo, divertimento, passatempo sujeito a regras, ou até mesmo uma série de coisas que formam uma coleção.

Pesquisas demonstram que a história dos jogos e das brincadeiras é uma construção humana, resultado da interação dos indivíduos e que envolve fatores sócio-econômico-culturais.

Ao longo dos tempos, jogos e brincadeiras desempenharam um importante papel nas relações sociais e na aprendizagem de habilidades necessárias ao desenvolvimento de crianças e jovens.

Para alguns autores como Huizinga, temos que:

“Adultos, jovens e crianças se misturavam em toda a atividade social, ou seja, nos divertimentos, no exercício das profissões e tarefas diárias, no domínio das armas, nas festas, cultos e rituais. O cerimonial dessas celebrações não fazia muita questão em distinguir claramente as crianças dos jovens e estes dos adultos. Até porque esses grupos sociais estavam pouco claros em suas diferenciações”.

(HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1991).

Os jogos e as brincadeiras ocupam um lugar primordial nas relações humanas e na história da humanidade desde a antiguidade, na qual os gregos e os romanos deixaram grandes legados na perspectiva da ludicidade, tais como a prática de

atividades físicas e o uso de bonecas e animais de barro, estando o lúdico sempre presente nas vivências sociais, desempenhando uma função preponderante nas relações entre as pessoas e os diversos grupos.

No caso da criança em convivência escolar, o brincar poderá ser fundamental para o estabelecimento de relações entre o mundo imaginário e o mundo real, auxiliar na compreensão do momento vivido, pois é pelo brincar que testa e experimenta a realidade, processo indispensável para o desenvolvimento do mundo interno, sua personalidade e a forma de desenvolver seu estar no mundo.

Sendo assim, a casa, o locus de origem das primeiras relações sociais da criança, é neste espaço que as brincadeiras envolvendo os adultos do grupo social terão uma força organizadora da psique infantil, auxiliando a superação de conflitos e dificuldades que possam ter surgido ao longo do necessário distanciamento.

Tão importante quanto fortalecer a ligação da criança com o mundo externo é o favorecimento no desenvolvimento de processos cognitivos, coordenação motora, expressão corpora, comunicação verbal, criatividade, enfim, uma gama considerável de benefícios produzidos por uma “simples” brincadeira ou por um “simples” jogo infantil, sempre considerando aqui a vital importância da mediação do adulto, no caso da escola, do educador(a).

O brincar poderá ajudar a elucidar situações novas enfrentadas pela criança no contexto que está inserida, possibilitando, pela fantasia e pelo imaginário, a recriação e a experimentação de novas possibilidades e novas formas de viver, principalmente no chamado “novo normal”.

O desejado contexto de pós-pandemia trará muitas situações novas com as quais teremos que aprender a lidar, muito daquilo que é do nosso cotidiano terá que ser ressignificado, o mundo com certeza não será mais o mesmo. O primeiro grande desafio imposto à nossa realidade é a limitação do convívio social e a necessária condição de quarentena que apresenta a cada dia uma obrigação de reinventar e procurar novas possibilidades do estar no mundo.

Muitos educadores(as) vivem neste momento a expectativa e a incerteza de como será este retorno, por não saberem como agir com a possível tensão gerada por uma situação absolutamente nova em nosso cotidiano, desta forma, numa condição geradora de tanta angústia e de tantas incertezas é de suma importância estimular o desenvolvimento de vínculos saudáveis, resgatar a qualidade dos relacionamentos, recuperar a natureza do tempo kairós.

Os gregos antigos tinham duas palavras para o tempo: *chronos* e *kairós*. Enquanto o primeiro refere-se ao tempo cronológico ou sequencial (o tempo que se mede, de natureza quantitativa), *Kairós* possui natureza qualitativa, o momento indeterminado no tempo em que algo especial acontece: a experiência do momento oportuno. É este aproveitar o momento oportuno que estava esquecido por consequência da correria do tempo cronológico que merece e deve ser resgatado.

Diante de toda esta reflexão, outras perguntas surgem... O que fazer? Como brincar? Com o que brincar? Uma maneira de tentar responder a estas e outras indagações é pensarmos e refletirmos juntos nas possibilidades de envolver o lúdico no contexto escolar, pensar e propor sugestões simples, de jogos e brincadeiras com a finalidade de auxiliar crianças, jovens e adultos a permitirem que o lúdico seja parte intrínseca das novas formas de relações sociais que virão pela frente e assim poder fortalecer ainda mais os vínculos tão importantes para o desenvolvimento individual e grupal em nossas escolas.

ABORDAGEM PSICOEDUCACIONAL NO ÂMBITO DA VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Abordaremos alguns aspectos sobre a Violência Intrafamiliar com enfoque neste momento específico que estamos vivendo de pandemia e isolamento social, o qual potencializou a violência doméstica. Após o anúncio de regras para o combate à pandemia de COVID-19, houve um aumento exponencial do número de denúncias registradas. Os levantamentos feitos pelas organizações de defesa dos direitos de crianças e adolescentes mostram evidências quanto aos impactos do isolamento sobre a violência doméstica e familiar em vários pontos do mundo.

A Violência Intrafamiliar é um tema imprescindível a ser discutido pela sociedade, principalmente neste momento, pois devido a situação de isolamento social, de insegurança física, profissional e/ou financeira, acabam se intensificando, ou, tornam-se mais visíveis comportamentos abusivos, os quais afetam, principalmente, os/as mais vulneráveis e dependentes, como crianças, mulheres, idosos/as e, ainda mais, aqueles/as com algum quadro de deficiência.

No Brasil, segundo o Portal da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, milhares de crianças e adolescentes correm o risco de estarem mais expostos a situações de violência física, sexual e psicológica, sendo que este alto índice escancara uma dura realidade para boa parte da população de crianças e adolescentes: suas casas não são lugares onde podem sentir-se seguros.

A situação da pandemia como um todo, mas especialmente pela situação de risco iminente à vida, acaba por gerar sentimentos de medo e ansiedade generalizados na sociedade, o que pode se tornar mais complexo nas crianças, uma vez que estas, por estarem em processo de desenvolvimento, ainda não apresentam recursos emocionais suficientes para lidarem com esses sentimentos, o que se agrava na medida em que elas não entendem o que está acontecendo.

De maneira geral os adultos, muitas vezes envolvidos em suas próprias angústias e incertezas, não têm disponibilidade para ouvir e ajudar as crianças a compreenderem o que estão sentindo, a consequência disto é que acabam tendo atitudes de birra, rebeldia, agressividade, entre outras, ao que os pais ou responsáveis podem entender como desobediência, resolvendo-as a partir de ações punitivas, uma concepção ainda muito presente em nossa sociedade.

Ressaltamos que as condições socioeconômicas desfavoráveis ou as mudanças bruscas de rotina como as impostas pelo isolamento social intensificam os

ciclos de violência, principalmente quando se soma a este fator um ambiente onde algum familiar tenha problemas de alcoolismo ou drogadição.

Os/as educadores/as em seu cotidiano nas escolas, infelizmente, já se deparam com vários casos de violência, nos quais as vítimas são seus/as educandos/as ou a família destes/as. A escola representa para muitas famílias o local ideal para buscarem proteção e orientação. No momento, essas famílias/educandos estão sozinhas, isoladas, sem esse recurso. Esse fato é no mínimo assustador!

Diante da complexidade atual é importante que o/a educador/a compreenda a importância do seu papel no amparo a estas famílias, que podem estar vivendo situações de violência de diversas ordens.

Considerando este contexto de distanciamento físico, a identificação de situações de violência é a questão mais difícil de ser tratada, embora não seja um processo fácil é extremamente necessário, neste sentido, o/a educador/a tem alguns pontos a seu favor, como:

Conhecimento prévio das famílias, o vínculo já estabelecido com as mesmas, mas principalmente com os/as educandos/as.

Facilidade de comunicação pela internet, embora nem todos tenham acesso atende uma grande parte de nossa comunidade;

Apesar da distância física imposta pelo momento atual, é importante que os/as educadores/as busquem estabelecer contato com os/as educandos/as, criando possibilidades de diálogo e expressão de seus sentimentos, favorecendo a ESCUTA, a fim de se tornarem ou continuarem a ser uma referência de segurança para essa criança e sua família.

Cabe ainda evidenciar que, na iminência do retorno às aulas, outros aspectos precisam ser considerados pelos/as educadores/as, gestão e demais funcionários/as da escola, no que diz respeito ao olhar apurado para os/as educandos/as. Há de se estar muito atento e sensível aos sinais e pedidos de socorro que podem não vir de forma explícita, mas por atitudes agressivas, agitação ou apatia, problemas de saúde recorrentes, comportamentos sexuais inadequados à idade, entre outros.

A condição atual requer um trabalho de apoio às famílias na perspectiva de uma educação de qualidade social, cujo papel da escola precisa contemplar o cuidar e o educar como ato de acolhimento e proteção. Não podemos perder de vista, que as crianças, adolescentes ou mulheres não devem ser os depositários das frustrações e dificuldades que possam surgir no momento. Abrir um canal de comunicação com as famílias dos educandos pode favorecer a diminuição da ansiedade e diminuir a expressão agressiva.

Diante da suspeita de violência o/a educador/a deve buscar os canais de denúncia, uma vez que não cabe à escola investigar. Não devemos hesitar quando está em jogo a segurança física e psíquica de uma criança.



Centro de Atendimento às Mulheres em Situação de Violência Doméstica

CASA DAS ROSAS, MARGARIDAS E BETES

Rua: Paulo José Bazzani, 47, Macedo- Guarulhos.

Tel.: 2469-1001/ 2441-0019

Atendimento:

De segunda a sexta-feira, das 7h às 17h.

Referências Bibliográficas:

Dumont, Patrícia. **“Tempo de repensar: isolamento por coronavírus motiva a reflexão coletiva sobre a vida e prioridades”**. 2020. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/plural/tempo-de-repensar-isolamento-por-coronav%C3%ADrus-motivou-reflex%C3%A3o-coletiva-sobre-vida-e-prioridades-1.780447>. Acesso em: 04/2020.

Estatuto da Criança e do Adolescente -ECA – Lei n 8.069, 1990.

Feleiros, Vicente de Paula, FALEIROS Eva Silveira. **Escola que Protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes, Educação para Todos**. MEC, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), 2008.

Fórum Brasileiro de Segurança pública, 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2019, pág. 7, Link: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf>, acessado em 13/07/20.

Frankl, Viktor – **Em Busca de Sentido**, Ed. Vozes, 1991.

Freire, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Freud, Sigmund. **Luto e Melancolia** (1917[1915]). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Volume XVI – Rio de Janeiro: Imago - 1974.

Jung, C. G. – Jaffé, Aniela – **Memórias, Sonhos e Reflexões**, Ed. Nova Fronteira – 1986.

Kübler-Ross, E. **Sobre a morte e o morrer** – 8ª Ed., Martins Fontes. São Paulo, 1998.

Marcela, Ana. **Esse desconforto que você está sentindo é luto**. Medium.com. 26 de março. Disponível em: <https://medium.com/@anamarcela.sa/esse-desconforto-que-voc%C3%AA-est%C3%A1-sentindo-%C3%A9-luto-b480bb4644cc>.

Morin, Edgar. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Porto Alegre: Sulina, 2015. Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, (ONDH) – **Relatório Disque Direitos Humanos**, 2019, págs. 25,41,44,45,46 e 89.

Programa Estadual de Prevenção e Combate à Violência contra Pessoas com Deficiência e dá providências correlatas, Decreto Nº 59.316, DE 21 DE JUNHO DE 2013 Link: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2013/decreto-59316-21.06.2013.html>, acessado em 09/07/2020.

Secretaria dos Direitos da Pessoa com deficiência, **Programa Estadual de Prevenção e Combate à Violência contra Pessoas com Deficiência**. Link: <http://violenciaedeficiencia.sedpcd.sp.gov.br/>, acessado 09/07/20.

Vieira, Nathan. **“Coronavírus: como manter a saúde mental em meio ao isolamento social”**. 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/comportamento/coronavirus-como-manter-saude-mental-meio-isolamento-social-162113/>. Acesso em: 04/2020.

PRECISAMOS FALAR SOBRE...

Educação Inclusiva

Aspectos Psicológicos em Situação
de Isolamento Social - Fascículo II



EPG Silvia de Cássia Matias
Foto: Camila Rhodes/PMG

Acesse todos os volumes da
Coleção Formação 2020 em
<http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br>,
na página de Publicações e Documentos
ou pelo QRCode:

